



## **Jornalismo e Literatura: Um Bordel de Escritores Chamado Redação<sup>1</sup>**

Eduardo RITTER<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **RESUMO**

Historicamente, é grande a lista de escritores que buscaram no jornalismo uma forma de sobreviver e de divulgar o seu trabalho, que vão desde os antigos e internacionais Allan Poe e Honoré de Balzac, até os contemporâneos e brasileiros David Coimbra e Juremir Machado da Silva. Nesse estudo, baseado nas pesquisas de João do Rio, no início do século XX, e de Cristiane Costa (2005), buscamos entender um pouco mais como se dá essa polêmica relação entre as atividades de jornalista e escritor. Os escritores que encontram no jornalismo uma forma de sobreviver prostituiriam o seu talento, como destacou Olavo Bilac, ou eles podem usar as técnicas do jornalismo na própria literatura, como Tom Wolfe e o *New Journalism*? Baseado nessa questão, realizamos essa breve análise.

**Palavras-chave:** jornalismo; literatura; escritores; jornalistas; *new journalism*.

### **1. Redação: um reduto histórico de escritores**

A relação entre jornalismo e literatura é histórica e já foi alvo de outros estudos. Desde a transição da cultura oral para a escrita, do surgimento da impressão, atribuído a Johann Gutenberg<sup>3</sup>, passando pelos jornais da Europa no período da Revolução Francesa<sup>4</sup>, as atividades de jornalistas e escritores muitas vezes se confundem, e os escritores buscam nos jornais uma forma de sobreviver ou de divulgar o seu trabalho.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Comunicação da Famescos – PUC e bolsista parcial da Capes: [rittergaucho@hotmail.com](mailto:rittergaucho@hotmail.com)

<sup>3</sup> Para BRIGGS & BURK (2004), apesar da importância muitas vezes atribuída a Johann Gutenberg (1400-1468), inventor e gráfico alemão que ficou conhecido por introduzir a forma moderna de impressão de livros, não há evidências ou um marco zero para o começo da história da imprensa.

<sup>4</sup> Popkin (1996) destaca que no período da Revolução Francesa, na Inglaterra, os jornais começaram a estabelecer limites mais claros entre o jornalismo e a literatura: “Os jornais ingleses bem-sucedidos tais como o Morning Chronicle já tinham há muito deixado de parecer livros. Impressos em grandes fôlios, faziam uso extensivo de fios e de cabeçalho em vermelho para separar itens e, em alguns casos, empregavam títulos em tipo maior para identificar o assunto das matérias para que os leitores pudessem escolher os itens que lhes interessavam; traziam ainda um mosaico de informes e anúncios comerciais – estes últimos freqüentemente incluindo pequenas vinhetas pictóricas, como navios velejando para notícias do porto” (p.207-208).



Exemplos disso, não faltam. Analisando a lista do livro Guia de Leitura (MASINA, 2009), que apresenta uma lista com 100 autores que entraram para a história da literatura mundial, percebemos que muitos deles trabalharam como jornalistas, ou atuaram como colaboradores em jornais.

A lista é extensa e conta com nomes como: Albert Camus, Alberto Moravia, Alejo Carpentier, Alexandre Dumas, Almeida Garret, Bram Stoker, Carlos Fuentes, Charles Dickens, Domingo Faustino Sarmiento, Eça de Queiroz, Edgar Allan Poe, Émile Zola, Ernest Hemingway, Ernesto Sabato, Euclides da Cunha, Fiódor Dostoievski, Franz Kafka, Francis Scott Key Fitzgerald, Gabriel Garcia Márquez, Graciliano Ramos, Graham Greene, Guy de Maupassant, Honoré de Balzac, Ítalo Calvino, Jack London, J.D. Salinger, John Steinbeck, Jorge Luis Borges, José de Alencar, José Saramago, Machado de Assis, Marcel Proust, Mario Vargas Llosa, Mark Twain, Miguel Angel Asturias, Raymond Chandler, Rudyard Kipling, dentre tantos outros. Enfim, poderíamos incluir praticamente todos os grandes escritores nesta lista, inclusive gaúchos, como por exemplo: Erico Veríssimo, presidente-fundador da Associação Rio-grandense de Imprensa (ARI); David Coimbra, escritor e editor de esportes do jornal *Zero Hora*; Juremir Machado da Silva, escritor e colunista do jornal *Correio do Povo*, etc.

Recorremos ainda ao escritor-jornalista Jose Acosta Montoro, que reitera essa relação: “Difícil encontrar a un escritor que no sea periodista y de que la historia del periodismo cuenta con múltiples participaciones directas de escritores, tanto en la génesis del medio de comunicación como en su desarrollo” (MONTORO, 1973, p.44).

Além disso, essa relação entre a profissão de jornalista acaba influenciando, de uma forma ou de outra, a atividade literária, seja em questões relacionadas à linguagem, seja na criação dos enredos e da criação de personagens. Para ficarmos apenas em um exemplo universal, recorremos ao romance semi-auto-biográfico Martin Éden (2003), de Jack London, onde a personagem principal tenta sobreviver vendendo textos literários para revistas e jornais americanos, e quando sua namorada sugere que procure emprego como repórter, ele apresenta a seguinte argumentação:

- Estragaria o meu estilo – foi a resposta, dada numa voz grave, monótona. – Não faz idéia de quanto trabalhei para apurar meu estilo.
- Porém, e essas novelas? Chamam-lhes literatura de cordel. Escreve dezenas delas. Estas não o prejudicam no estilo?



- Não. Os casos são diferentes. As novelas eram rabiscadas depois de um longo e fatigante dia aplicado ao estilo. Mas o trabalho de repórter é todo ele de baixa qualidade desde manhã até a noite e quem a ele se dedica não pode pensar em mais nada. Além disso, representa uma vida extremamente agitada, vida que só conta pelo momento presente, sem passado, nem futuro. Não há nela lugar para qualquer estilo que não seja o jornalístico, e a este não se pode chamar literatura. Converter-me agora num repórter, precisamente quando meu estilo está tomando forma, cristalizando-se, seria um autêntico suicídio literário [...] (LONDON, 2003, p.244).

Aliás, é justamente a partir dessa crise de estilo, apontada por London, que passamos a abordar os jornalistas-escretores brasileiros no próximo item.

## **2. Redação: um bordel de escritores no Brasil**

Para contextualizarmos essa relação, recorreremos ao livro O momento literário (1994), publicado em forma de reportagens no jornal *Gazeta de Notícias* em 1904 e 1905, pelo jornalista João Paulo Alberto Coelho Barreto, mais conhecido como João do Rio, onde ele elaborou um questionário para aplicar aos escritores da época. Para a entrevista, João do Rio conta que havia elaborado as seguintes questões, durante uma conversa com um amigo:

- 1) Para sua formação literária, quais os autores que mais contribuíram?
- 2) Das suas obras, qual a que prefere?
- 3) Lembrando separadamente a prosa e a poesia contemporâneas, parece-lhe que no momento atual, no Brasil, atravessamos um período estacionário? Há novas escolas ou há lutas entre antigas e modernas?
- 4) O desenvolvimento dos centros literários dos Estados tenderá a criar literaturas à parte? (RIO, 1994)

No entanto, seu amigo sugeriu mais uma questão, que se tornou a principal do seu questionário:

- Falta alguma coisa ao questionário, falta a pergunta capital, em torno da qual toda a literatura gira, falta a pergunta isoladora das ironies diretas!

- Qual?

Não respondeu. Curvou-se, e numa letra miúda escreveu:

O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?

No dia seguinte, logo pela manhã, mandava para o correio mais de cem cartas. Tinha mergulhado de todo na literatura (RIO, 1994, p. 9).



A partir de então, João do Rio realizou entrevistas pessoalmente com os escritores que moravam no Rio de Janeiro, e enviou por carta o questionário para escritores de outros estados. Numericamente, 36 intelectuais responderam ao questionário, onde onze responderam que o jornalismo ajuda a atividade literária; dez disseram que prejudica; onze alegaram que ajuda para aqueles que pretendem ingressar no mundo das letras, mas que o jornalismo também pode atrapalhar a sua carreira de escritor; três enviaram as cartas sem conter a resposta; e um alegou que não se sentiu apto a responder.

No entanto, analisando as respostas, percebemos uma variedade de opiniões acerca do tema, sendo que o único denominador comum entre a maior parte dos escritores é que a maioria deles trabalhava ou havia trabalhado em uma redação.

Olavo Bilac, por exemplo, classificou o trabalho de um escritor em uma redação como uma forma de prostituir o seu talento, seguindo a mesma linha de pensamento descrita anteriormente por Jack London:

[...] se um moço escritor viesse, nesse dia triste, pedir um conselho à minha tristeza e ao meu desconsolado outono, eu lhe diria apenas: Ama a tua arte sobre todas as coisas e tem a coragem, que eu não tive, de morrer de fome para não prostituir o meu talento (RIO, 1994, p.19).

Ou seja, na metáfora feita por Olavo Bilac, o escritor venderia o seu talento ao jornalismo, da mesma forma que uma prostituta vende o seu corpo ao seu cliente. Ou seja, a redação seria uma espécie de bordel, onde escritores oferecem o seu talento nas páginas dos jornais. Medeiros de Albuquerque foi outro a metaforizar a relação entre as profissões de jornalistas e escritores:

De um modo geral, a prevenção dos literatos contra o jornalismo é a mesma dos pintores de quadros pelos de tabuletas, dos escultores pelos marmoristas... Sempre que uma profissão usa dos recursos de qualquer arte para fins industriais, os cultores da arte se indignam e depreciam sistematicamente os profissionais, que assim se põem na sua vizinhança (RIO, 1994, p.73).

Porém, Medeiros de Albuquerque acrescenta que “o mal não é do jornalismo: é do tempo que lhes toma um ofício qualquer, que não os deixa livres para a meditação e a produção” (RIO, 1994, p.74), e aponta, em seguida, uma semelhança entre os



objetivos do jornalismo e da literatura: “usar de palavras escritas para impressionar cérebros humanos, fazer vibrar inteligências e corações” (RIO, 1994, p.75).

Já o escritor Luís Edmundo foi mais direto, respondendo à pergunta de João do Rio:

É péssimo, e penso como toda gente.

Nós temos nesta terra duas instituições fatídicas para os homens de letras: uma é a política, a outra é o jornalismo.

O desgraçado que tem talento, ou cai na coluna diária para matar a sua arte a trezentos mil réis por mês ou vai apodrecer numa cadeira no Congresso a ganhar setenta e cinco diários entre os discursos sobre a lei do orçamento e sobre o imposto do gado (RIO, 1994, p.96).

Essa também foi a opinião de Guimarães Passos: “O jornalismo é o balcão. Não pode haver arte onde há trocos; não pode haver arte onde o trabalho é dispersivo” (RIO, 1994, p.138). O escritor Gustavo Santiago, por sua vez, acentuou as diferenças entre o jornalismo e a literatura:

[...] no jornalismo a nota predominante é o bom senso, a chapa, o lugar comum, o *cachet* prontinho, tudo como sempre e como em toda parte, e isto é a asfixia lenta da originalidade de cada um, o assassinato frio e pausado do poder criador peculiar a cada individualidade. [...]. Não quer isso, porém, significar que o jornalismo não seja um belo fator de engrandecimento social e sobretudo um magnífico meio de reclame... para as nossas obras (RIO, 1994, p.268).

Já o escritor Frota Pessoa, respondendo ao questionário, defendeu o jornalismo, mas acrescentou que “o jornalismo presta à arte literária – e isto é intuitivo – todos os serviços de propaganda e difusão rápida, que ela requer para se desenvolver” (RIO, 1994, p.182). Outro a defender os jornais foi João Luso, que declarou que “as obras dependem dos jornais” (RIO, 1994, p.193).

Após analisar as respostas dos escritores que, como vimos, foram bastante diversas, João do Rio, novamente em uma conversa com um amigo, apresenta suas conclusões, considerando que:

[...] os vencedores, acham todos, o jornalismo animador, o jornalismo necessário; os que por inaptidão, trabalho lento ou hostilidade dos plumitivos, ainda não se apossaram das folhas diárias, atacam o jornalismo achando essa idéia uma elegância de primeira ordem. São geralmente os poetas, os poetas que fatalmente tendem a ver o seu mercado diminuído [...] (RIO, 1994, p.296)



### E compara ainda a literatura à reportagem:

Desde o romantismo, desde Vítor Hugo tende a ser, simplesmente, reportagem impressionista e documentada. É a sua força. A poesia conservou-se no ideal, e por isso, como bem disse Clóvis, tem os seus moldes gastos. – Ainda outro dia um homem, para fazer sucesso em verso na França, teve que fazer uma reportagem poética sobre a vida dos galinheiros... (RIO, 1994, p.296)

A relação entre as atividades de jornalista e escritor também foi abordada por Nelson Werneck Sodré, que apresenta um panorama geral da época em que João do Rio fez a pesquisa:

Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível. O *Jornal do Comércio* pagava as colaborações entre 30 e 60 mil réis; *O Correio da Manhã*, 50. Bilac e Medeiros de Albuquerque, em 1907, tinham ordenados mensais, pelas crônicas que faziam para a *Gazeta de Notícias* e *O País*, respectivamente; em 1906, Adolfo Araújo oferecia 400 mil réis por mês a Alphonsus de Guimaraens para ser redator de *A Gazeta*, em São Paulo (SODRÉ, 1977, p.334).

Praticamente 100 anos depois do levantamento feito por João do Rio, Cristiane Costa repetiu a pesquisa com 32 escritores jornalistas de todo o Brasil que começaram a se destacar a partir da década de 90, entre os anos de 2001 e 2004. Analisando as duas pesquisas, alguns problemas em comuns são apontados pela autora, como a falta de retorno financeiro, a falta de tempo que aqueles que trabalham nas redações têm para se dedicar à literatura, e a falta de poder aquisitivo da população para comprar livros:

Sem distribuição e comercialização, as tiragens são reduzidas aos mesmos 2 mil exemplares do tempo de João do Rio e o preço do livro, entre vinte e cinquenta reais, torna-se incompatível com o poder aquisitivo da população. Em 2000, segundo o censo do IBGE, o salário médio no Brasil era de 768,83 reais. Mas 50% dos 44,7 milhões de chefes de família recebiam até 350 reais por mês. Destes, 8 milhões eram analfabetos. O que faz com que comprar um livro, na maioria das casas brasileiras seja um gasto exorbitante e dispensável (COSTA, 2005, p.341).

Porém, até chegarmos a esse quadro, também temos que considerar que a separação mais clara dos dois gêneros começa a se concretizar a partir dos anos 1920, após a pesquisa de João do Rio, quando a literatura passa a ganhar menos espaço no jornal, estabelecendo a separação da técnica literária e jornalística, que acaba se



intensificando na década de 50, com a adesão ao modelo utilizado pela imprensa americana, que priorizava a objetividade (COSTA, 2005).

Essa transformação na forma como os jornais passam a lidar com a notícia, não agradou a todos, sendo que eles acabaram perdendo boa parte de seu caráter crítico da realidade. Conforme Alzira Alves de Abreu (1996), na década de 50 a imprensa passou a abandonar aos poucos a tradição do jornalismo crítico, de combate, e opinativo, onde, a política e o factual não estavam ausentes.

Esse jornalismo de opinião tinha forte influência francesa e foi dominante desde os primórdios da imprensa brasileira até a década de 1969. Foi gradualmente substituído pelo modelo norte-americano: um jornalismo que privilegia a informação e a notícia e que separa o comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal da informação (ABREU, 1996, p.15).

As alterações na forma como as empresas jornalísticas passaram a tratar a notícia, porém, não permitiu a retirada total da literatura das páginas de nossos diários, afinal, até os dias de hoje as colunas de opinião, as crônicas e os contos ainda são lidos de forma assídua pelos leitores, como ressalta o escritor e jornalista Antonio Olinto:

Veja-se a crônica, o fenômeno típico do jornalismo brasileiro. De Machado de Assis a Rubem Braga, tem esse gênero sido dos de maior popularidade no Brasil, ao ponto de nenhum jornal se abster de um bom cronista sob pena de perder leitores (OLINTO, 1968, p.12).

É justamente na crônica brasileira que muitos jornalistas-escritores contemporâneos encontraram espaço para divulgar o seu trabalho. Após todas essas transformações mencionadas, chegamos às entrevistas realizadas por Cristiane Costa 100 anos depois. Nelas, percebemos novamente uma variedade de respostas, porém, há uma sintonia com o quadro descrito pelos jornalistas-escritores do início do século passado.

Para Juremir Machado da Silva, por exemplo, o jornalismo é uma profissão que não exige tanto a criatividade, quanto a literatura:

Na maior parte das vezes o jornalista é um carteiro, o sujeito que leva a mensagem ao destinatário. Nada mais. É uma profissão não necessariamente



criativa. Já a literatura não pode ser profissão, pois só funciona como  
iluminação, ruptura, invenção. O resto é negócio.<sup>5</sup>

Porém, Juremir Machado da Silva destaca que ingressou no jornalismo querendo  
ser escritor, no entanto, acabou abandonando a profissão justamente pelas mudanças  
que ocorreram nos jornais nas últimas décadas:

Sempre quis ser escritor. Publiquei vários livros e deixei o jornalismo. Mas,  
para a crítica, continuo jornalista e nem sequer mereço, rigorosamente, a  
etiqueta de escritor. Há um preconceito contra o exercício de múltiplas  
atividades. Sou professor universitário e tradutor. Vivo disso. Primeiro o  
jornalismo me abandonou (fui demitido de *Zero Hora* por ter brigado com Luis  
Fernando Verissimo); depois, abandonei o jornalismo, pois havia cada vez  
menos espaço para escrever literariamente. Além disso, a engrenagem da  
profissão, transformada em assessoria de imprensa de personalidades da  
indústria cultural, me repugna.<sup>6</sup>

Outro que respondeu afirmativamente a questão sobre o ingresso no jornalismo  
com o objetivo de ser escritor foi Sérgio Alcides, que também foi entrevistado por  
Cristiane Costa:

Sim, mas uma coisa nunca esteve associada à outra, na minha cabeça, pelo  
menos não a partir da primeira aula que tive sobre jornalismo, na faculdade.  
Quando ingressei no jornalismo, já queria sair: estava cursando filosofia na  
PUC-Rio e pretendia fazer mestrado em filosofia da linguagem; larguei o curso  
porque precisava trabalhar e o emprego que eu tinha era no jornal. Meu maior  
medo era ser promovido.<sup>7</sup>

Analisando a pesquisa realizada em 2004, e a de João do Rio, em 1904, Cristiane  
Costa destaca a impossibilidade de se chegar a uma resposta definitiva sobre a questão.

Por mais que tenha entrevistado jornalistas escritores contemporâneos,  
vasculhado vidas e obras dos que não estão mais vivos, garanto ser impossível  
formular uma resposta única para essa pergunta. Cada momento literário ou  
jornalístico tem seus próprios dilemas. Cada autor, uma forma de lidar com o  
problema (COSTA, 2005, p. 345).

Entretanto, Costa (2005) levantou dez dicotomias entre a atividade jornalística e  
a literária, que se resumem em: 1) Arte x Mercado; 2) Artista x Trabalhador; 3)

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.penadealuguel.com.br/entrevistas/news.asp?cod1=15>. Acesso: 01/04/10

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.penadealuguel.com.br/entrevistas/news.asp?cod1=15>. Acesso: 01/04/10

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.penadealuguel.com.br/entrevistas/news.asp?cod1=3>. Acesso: 01/04/10





Linguagem condicionada x Liberdade criativa; 4) Experiência x Esterilidade; 5) Visibilidade x Preconceito; 6) Perenidade x Imediatismo; 7) Fato x Ficção; 8) Objetivo x Subjetivo; 9) Tempo x Dinheiro; e 10) Local x Universal.

No entanto, há um campo onde os escritores e os jornalistas desafiam essas dicotomias, unindo muitas vezes algumas características que parecem, inicialmente, opostas. Esse campo é chamado de *New Journalism*, que abordaremos no próximo item.

### **3 – *New Journalism*: um lar para os jornalistas-escritores**

Não poderíamos concluir um estudo onde tratamos da relação entre as atividades de jornalista e escritor, sem mencionarmos o *New Journalism*. No entanto, como nosso espaço é ilimitado, abordaremos esse gênero literário-jornalístico sinteticamente.

Começamos destacando que, por optarmos pela concepção do teórico Marcelo Bulhões (2007), lembramos que o *New Journalism* não chegou a ser um movimento, “pois não despontou com um delineamento de idéias estabelecidas por um grupo coeso de representantes, tampouco elaborou um programa ou um manifesto declaratório de princípios” (BULHÕES, 2007, p.145), ou seja, o *New Journalism* foi mais uma atitude que ocorreu na fluência de uma prática textual desenvolvida mais especificamente em algumas revistas e jornais norte-americanos, que inicialmente eram chamadas de *reportagens especiais*, publicada por jornalistas como Tom Wolfe e Gay Talese, até chegar à grande narrativa com tom literário, como o clássico A sangue frio, de Truman Capote.

Também vale lembrar, que o *New Journalism* surge justamente em um período em que os Estados Unidos, e, conseqüentemente, o mundo, vivia uma fase de grandes transformações culturais:

Retrospectivamente, o advento do *New Journalism* revela uma admirável consonância com o espírito transgressor da década de 1960. De fato, é compreensível e ao mesmo tempo revelador situar seu desabrochar no início de um período de profunda transgressão de valores, quando já se ouviam os primeiros *hits* – dos Beatles, dos Rolling Stones, de Bob Dylan – que embalariam um período fascinantemente movimentado, marcado por profundas transgressões comportamentais (BULHÕES, 2007, p.146).

Bulhões (2007) apresenta alguns marcos do *New Journalism*. O primeiro é em 1962, quando Gay Talese publica na revista *Esquire* uma reportagem-perfil sobre o ex-boxeador Joe Louis, que marcaria essa nova tendência por apresentar sinais claros das



transformações que estavam chegando. “Talese constrói seu texto apoiando-se largamente em diálogos intimistas – como o entabulado entre Louis e sua esposa -, manejando com habilidade um atraente jogo narrativo-expositivo” (BULHÕES, 2007, p. 147). Já em 1963 é a vez de Jimmy Breslin adotar o mesmo estilo em sua coluna do jornal *Herald Tribune*. Um ano depois, aparece Tom Wolfe:

O atrevimento de Wolfe vinha com transgressões mais cortantes tanto no manejo das técnicas de captação jornalística quanto no plano da expressão verbal, com a presença extravagante de travessões, pontos de interrogação, reticências, uso multiplicado de letras para produzir um efeito gráfico e fônico e mudanças constantes de foco narrativo, em que o narrador “entra na cabeça” de seus personagens, assumindo sua perspectiva e as marcas da sua linguagem (BULHÕES, 2007, p.147).

Aliás, um marco nessa trajetória foi a publicação de uma carta escrita por Tom Wolfe ao editor da revista *Squire*, Byron Dobell, em 1964, que a transformou em matéria, como conta o próprio Wolfe:

Escrevi a reportagem *The kandy-kolored tangerine-flake streamline baby* das 6 da tarde às 6 da manhã do dia seguinte. Escrevi 48 páginas naquela noite. Tenho de confessar que, quando eu já estava com meio caminho andado, comecei a me dizer “Hei, esta metade não está mal”. Então, não me surpreendi quando o editor, Byron Dobell, me acordou naquela tarde com um telefonema me informando que eles tinham a intenção de tirar o “Caro Byron” das minhas anotações e publica-las da forma como estavam. Aquela história tinha a vantagem do tom solto e confuso que vem naturalmente, quando você está escrevendo uma carta para uma pessoa, nesse caso, o caro Byron. [...] De qualquer forma, aquela matéria eliminou qualquer resquício de restrição que ainda podia haver.<sup>8</sup>

Porém, vale ressaltar, que quando esse estilo de texto passou a ser utilizado em jornais e revistas, ainda não havia uma denominação específica, como ressalta Tom Wolfe (2005), que apresenta uma versão para uma possível origem do termo:

Seymour Krim me conta que ouviu essa expressão ser usada pela primeira vez em 1965, quando era editor do *Nugget* e Pete Hamill o chamou para dizer que queria um artigo chamado “O Novo Jornalismo” sobre pessoas como Jimmy Breslin e Gay Talese. Foi no final de 1966 que se começou a ouvir as pessoas falarem de “Novo Jornalismo” em conversa, pelo que posso lembrar (WOLFE, 2005, p.40).

---

<sup>8</sup> Trecho de entrevista concedida por Tom Wolfe a Revista *Magis* (out/nov de 2009 – p.44), respondendo à pergunta de Marques Leonam Borges da Cunha.



É dentro desse cenário que aparece a figura de um importante escritor-jornalista que consagrou esse gênero: Truman Capote, com a publicação de A sangue frio, que causaria grande impacto entre os leitores e os próprios jornalistas da época, influenciando ainda as futuras gerações de escritores-jornalistas. Mesmo que Capote não considerasse a sua obra como jornalística, ela acabou sendo fundamental para o surgimento do que ficou conhecido como romance de não-ficção, ou romance reportagem. Conforme Bulhões (2007), Capote considerava que desde a década de 1920 nada de inovador havia sido registrado na literatura, e apostou, assim, que a prática e as técnicas do jornalismo poderiam levar o seu texto à uma inovação. O escritor queria, assim, “escrever uma longa narrativa apoiada na prática jornalística, uma narrativa sem fabulação, sem formulação imaginativa, um ‘romance jornalístico’, se isso faz algum sentido” (BULHÕES, 2007, p.149).

A história de Capote é contada também por Tom Wolfe, que lembra o impacto que a publicação de A Sangue Frio (1966) teve no público leitor da época:

A história de Capote, contando a vida e a morte de dois vagabundos que estouraram as cabeças de uma rica família rural em Kansas, foi publicada em capítulos na *The New Yorker*, no outono de 1965, e saiu em forma de livro em fevereiro de 1966. Foi uma sensação - um baque terrível para todos os que esperavam que o maldito Novo Jornalismo ou Parajornalismo se esgotasse como uma moda. Afinal, ali estava não um jornalista obscuro, nem algum escritor *freelance*, mas um romancista de longa data... cuja carreira estava meio parada... e, de repente, de um só golpe, com aquela virada para a maldita forma nova de jornalismo, não só ressuscitava sua reputação, mas a elevava mais alto que nunca antes... e, em troca, tornava-se uma celebridade da mais inacreditável magnitude. Pessoas de todo tipo leram *A sangue frio*, pessoas de todos os níveis de gosto (WOLFE, 2005, p.45).

Apesar do surgimento do *New Journalism* nos Estados Unidos, novamente contextualizando historicamente as relações entre jornalismo e literatura, temos que considerar que escritores mais antigos já haviam feito práticas semelhantes, como por exemplo, o naturalista Émile Zola, que por exemplo, em A taberna (1877), já apresentava um estudo sobre alcoolismo em um texto que se aproxima da grande reportagem, ou ainda Naná, um estudo sobre a prostituição, e Germinal, relato sobre a situação em que viviam os mineiros. “Zola estava convencido – ou se dizia estar – de que a literatura se aproximaria inevitavelmente da ciência e, ao fazer isso, expulsaria as falsas explicações da vida, com estúpidas motivações misteriosas e sobrenaturais” (BULHÕES, 2007, p.65). Na visão de Zola, a observação é superior a imaginação e o



escritor é ativo e arrojado, e não especulativo ou misterioso. “Em tudo isso – já se pôde perceber – há algo de jornalístico” (BULHÕES, 2007, p.69), apesar de que o próprio Zola não concebia estratégias de aproximação do jornalismo da literatura, inclusive, defendendo um jornalismo doutrinário.

Já Carlos Rogé Ferreira (2004), aponta que o termo *New Journalism* foi usado pela primeira vez em Londres, por Matthew Arnold, em 1887, para descrever o estilo da revista *Pall Mall Gazette de Stead*, que era mais atrevido e pessoal, sendo que esse termo reapareceria anos mais tarde com a geração norte-americana.

Independente disso, Capote teria invertido a lógica de seus colegas, que partiram do jornalismo para se aproximar da literatura, mas sim, ele “seria o escritor literário que buscou na prática jornalística uma nova experiência de realização literária” (BULHÕES, 2007, p.155).

Foi a partir de então que surgiu o cenário onde jornalistas não buscam apenas o sonho de se tornarem escritores ficcionais, como a maioria dos entrevistados por João do Rio, mas passam a buscar a literatura através da prática jornalística, ou seja, desejam que as suas reportagens, relatadas em formato de livro, se tornem literárias, atemporais, rompendo assim com as dicotomias entre os dois gêneros relatadas anteriormente.

São inúmeros os exemplos que demonstram esse quadro no Brasil e no mundo. O próprio Tom Wolfe destacou em entrevista a Jerônimo Teixeira que: “O Novo Jornalismo ainda é praticado em livros-reportagens como *Falcão Negro em Perigo*, de Mark Bowden, sobre a intervenção americana na Somália” (TEIXEIRA, 2005, p.14). Essa perspectiva também é levantada por Carlos Rogé Ferreira, salientando que autores contemporâneos estariam reformulando esse gênero:

Desse modo, em seguimento à linha do Novo Jornalismo e dos romances-reportagem, autores contemporâneos estariam dando formas atuais ao questionamento e embate de fronteiras entre o jornalismo e a literatura, no contexto da intensificação crescente da massificação cultural econômica, que já se acentuava após a II Guerra Mundial, que produz formas de inter-relação entre os campos citados, os fatos noticiosos, a história-processo, as narrativas literárias (FERREIRA, 2004, p.204).

Já Marcelo Bulhões vai mais longe, defendendo que os livros-reportagens da contemporaneidade, na verdade, estão se adaptando ao mercado, com fins comerciais: “tudo leva a crer, na verdade, que é com apelos de ficcionalidade que a factualidade



parece se vestir, integrando-se, na onipresença do mercado, ao padrão da cultura do espetáculo midiático que obsessivamente nos instiga” (BULHÕES, 2007, p.178).

Independente de questões referentes ao mercado, que como vimos no início desse capítulo, sempre estiveram relacionadas à produção jornalístico-literária, o fato é que o *New Journalism*, que se transmutou em jornalismo literário, encontra-se em expansão, como constata Monica Martinez (2009), que em pesquisa apresentada à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) apontou que só a coleção *Jornalismo Literário*, da Editora Companhia das Letras, até abril de 2008 já contava com 13 livros.

No entanto, Marcelo Bulhões aponta uma contradição nessa expansão:

A condição que deflagra a ação jornalística, sua gênese por assim dizer, não é o conhecimento dos fatos, mas seu desconhecimento; o não-conhecer é o que instiga e dispara o processo de captação informativa. A obviedade dessa afirmação não retira a relevância de que a onisciência é, em si, o próprio ficcional, visto aqui como sinônimo de impossível, do puro imaginativo. Daí contradição: tal jornalismo de livros se faz com uma atitude discursiva que contraria a própria idéia de veracidade jornalística (BULHÕES, 2007, p.200).

É dentro deste cenário de contradições, dicotomias e discordância de autores, e dentro do contexto histórico exposto, onde homens e mulheres adquirem uma dupla personalidade (jornalista e escritor) que muitas vezes se misturam em alguns aspectos (*New Journalism*), que concluímos que, apesar do surgimento do *New Journalism* norte-americano, que expandiu-se pelo mundo, até chegarmos nas produções contemporâneas de jornalismo literário, que os jornais e revistas ainda seguem sendo a porta de entrada para aspirantes a escritor.

No entanto, mais de 100 anos depois da pesquisa feita por João do Rio, segue a pergunta: essa atividade incessante, diária, dentro de uma redação, ajuda ou atrapalha na produção literária? Essa é uma questão que ainda renderá outros e extensos estudos. No entanto, podemos adiantar que, não há como negar que há aspectos positivos e negativos, que se tornam mais, ou menos, visíveis no texto do escritor, conforme a habilidade do candidato a escritor-jornalista em saber lidar com as diferenças entre os dois gêneros.



### **Referências bibliográficas**

ABREU, Alzira Alves de. **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

COSTA, Cristiane. **Pena de Aluguel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FERREIRA, Carlos Rogé. **Literatura e jornalismo, práticas políticas**. São Paulo: Edusp, 2004.

LONDON, Jack. **Martin Eden**. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

MASINA, Lea. **Guia de leitura – 100 autores que você precisa ler**. Porto Alegre: LPM, 2009.

MONTORO, Jose Acosta. **Periodismo y literatura**. Madrid: Guadarrama, 1973.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

POPKIN, Jeremy D. **Jornais: a nova face das notícias**. In: *Revolução impressa – a imprensa na França 1775-1800*. DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

RIO, João do. **O momento literário**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1994.

SODRÉ, Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Graal, 1997.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



**Revistas:**

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário: um gênero em expansão**. São Paulo: Intercom – Revista de Ciências da Comunicação. V.32, n.2, julho/dezembro 2009.

Revista Magis, n°4. **Jornalistas brasileiros entrevistam Tom Wolfe**. São Leopoldo: Unisinos, Out/Nov. 2009.

TEIXEIRA, Jerônimo. **“Eu votei em Bush”**. São Paulo: Abril, Revista Veja de 11 de maio de 2005.

*Sites consultados:*

Disponível em:

<http://www.penadealuguel.com.br/entrevistas/news.asp?cod1=15>. Acesso: 01/04/10.

Disponível em:

<http://www.penadealuguel.com.br/entrevistas/news.asp?cod1=3>. Acesso: 01/04/10